

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS- DECISO
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ELIANE PEREIRA DA SILVA

Socialização no ambiente universitário: mediações nas relações docentes e
discentes.

RECIFE

2021

ELIANE PEREIRA DA SILVA

Socialização no ambiente universitário: mediações nas relações docentes e discentes.

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação do Profº Drº Paulo Afonso Barbosa de Brito.

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586s

SILVA, ELIANE PEREIRA DA SILVA

Socialização no ambiente universitário: mediações nas relações docentes e discentes / ELIANE PEREIRA DA SILVA SILVA. - 2021.

61 f. : il.

Orientador: Paulo Afonso Barbosa de Brito.
Inclui referências e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências Sociais, Recife, 2022.

1. Socialização. 2. Cooperação. 3. Manipulação. 4. Curso de Ciências Sociais da UFRPE. I. Brito, Paulo Afonso Barbosa de, orient. II. Título

CDD 300

ELIANE PEREIRA DA SILVA

Socialização no ambiente universitário: mediações nas relações docentes e discentes.

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação do Profº Drº Paulo Afonso Barbosa de Brito.

Aprovada em ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profº Drº Paulo Afonso Barbosa de Brito
Departamento de Ciências Sociais/UFRPE

ProfªDrª Roseana Borges de Medeiros
Departamento de Ciências Sociais/UFRPE

Profº Drº João Morais de Sousa
Departamento de Ciências Sociais/UFRPE

RECIFE

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, João Claudino e Maria da Conceição (*in memoria*) e, ao meu filho Levson Tiago, que sempre acreditaram em mim e na minha capacidade de recomeçar sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ao universo, aos meus colegas e amigos de curso como, Eric Leon, Jidiane Maria, Pedro Braga, Bruno Leal, Angélica Nobre, Milena e todos aqueles que se envolveram direta e indiretamente na construção do meu conhecimento enquanto cientista social e como pessoa e, em especial, a Maria de Lourdes e a Maria Clemilda, que me ajudaram para que eu concluísse mais uma etapa da minha vida.

Meu agradecimento especial ao meu filho Tiago, que me incentivou a seguir no curso e a João, que perto ou longe sempre me deu muita força e esteve presente em todas as conquistas e obstáculos, torcendo para que eu seguisse sempre em frente.

Agradeço, também, ao meu orientador o Prof^o Dr^o Paulo Afonso Barbosa de Brito que se não fosse por ele, não teria chegado ao final, superando os obstáculos e pulando as pedras que foram sendo jogadas pelo caminho, discente e pessoa a qual vou levar para toda a minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a socialização no ambiente universitário a partir das mediações nas relações entre docentes e discentes no curso de bacharelado de ciências sociais na UFRPE. Para tanto, em um primeiro momento houve uma revisão bibliográfica, a partir da consulta de literatura que trata das temáticas da história das ciências sociais na UFRPE sob a perspectiva do conceito dos autores que dialogam com a socialização e da análise do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Durante a pesquisa da coleta de dados, realizada por meio de questionário com a participação de vinte discentes, são evidenciadas experiências socializantes tanto baseadas na cooperação e solidariedade, quanto no controle e na manipulação, sendo que as primeiras se sobrepõem às segundas.

Palavras-chaves: Socialização. Cooperação. Manipulação. Curso de Ciências Sociais da UFRPE.

ABSTRACT

This work aims to investigate the socialization in the university environment from the mediations in the relationships between professors and students in the Bachelor of Social Sciences course at UFRPE. To do so, at first there was a bibliographical review, based on the literature consultation that deals with the themes of the history of social sciences at UFRPE from the perspective of the concept of authors who dialogue with the socialization and analysis of the Pedagogical Project of the Course (PPC). During the data collection research, carried out through a questionnaire with the participation of twenty students, socializing experiences are evidenced both based on cooperation and solidarity, as well as on control and manipulation, with the first overlapping the second.

Keywords: Socialization. Teacher. Student. Social Sciences Course at UFRPE

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.....	30
Gráfico 2.....	31
Gráfico 3.....	33
Gráfico 4.....	34
Gráfico 5.....	34
Gráfico 6.....	35
Gráfico 7.....	36
Gráfico 8.....	37
Gráfico 9.....	37
Gráfico 10.....	38
Gráfico 11.....	38

SUMÁRIO

Introdução.....	4
1. Socialização: um conceito histórico e atual da sociologia.....	7
1.1. Socialização na tradição sociológica.....	7
1.2 Socialização como um conceito relacional: as tensões na sociologia contemporânea.....	10
1.3 Socialização no ambiente escolar e acadêmico.....	12
1.4 Socialização como superação dos sistemas de opressão.....	16
2 O curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como espaço de socialização.....	18
2.1. A universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE.....	22
2.2. As condições para a criação do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE.....	25
2.3. O Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE:.....	30
3. A socialização entre docentes e discentes do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE: a fala dos “socializados”.....	30
3.1. Satisfações, insatisfações, conflitos nas relações entre docentes e discentes no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE.....	31
3.2. As alegrias e os entusiasmos de relações socializantes baseadas na cooperação e solidariedade.....	33
3.3. As angústias e desmotivações provocadas por relações socializantes baseadas no controle e na dominação	36
Considerações Finais.....	41
Bibliografia.....	51
Anexos.A.....	53
Anexos B.....	58

INTRODUÇÃO

Nossa problemática de estudos se desenvolve em torno da socialização, que na sociologia é considerada como um processo dinâmico e construtivo de uma identidade coletiva. O ser humano é um ser social, isto é, incapaz de viver isoladamente, longe de outro ser humano. É preciso conviver com um maior número possível de outros seres humanos para formar sua própria personalidade e sua visão de mundo, ou seja, uma visão que é compartilhada com o grupo ao qual pertence, estabelecendo assim o processo de socialização.

Para o sociólogo Durkheim (2002) a educação é um processo de socialização da jovem geração pela geração adulta, se estabelecendo por meio das relações sociais e que permeia os indivíduos durante toda vida.

Sendo a socialização de suma importância e relevância para a sociedade e ocorrendo em espaços coletivos, as universidades na qualidade de instituições sociais dentro desse espaço, confronta-se com um dilema: de um lado, por ser parte da sociedade, tem a tarefa de formar indivíduos que zelem pela preservação dessa sociedade e, de outro, deve também cuidar do desenvolvimento da sociedade necessitando, portanto, formar cidadãos capazes de inovar, de inventar e de transformar.

O papel das instituições foi tema de estudo do filósofo francês Foucault (1977, *apud* Amaral, 2007), em que ele debate as relações de poder nas instituições, descrevendo os conceitos de sociedade disciplinares e sociedade de controle. Para ele, as relações que se estabelecem em instituições como a família, a escola (universidade), os quartéis e as prisões são marcados pela disciplina com o objetivo de produzir corpos dóceis eficazes e submissos politicamente e economicamente.

No entanto, MACHADO (2021), no seu artigo: “Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica. Quais os valores que imperam na academia?” aborda que é necessário menos enrolação, menos frases de efeitos e jogos de palavras, menos textos longos e desconexos e menos frases enormes se quisermos que o conhecimento seja um caminho para a autonomia. Ela frisa a liberdade, a simplicidade, a solidariedade e a humildade dentro das instituições como forma de

garantia de uma sociedade equilibrada com cidadãos capazes de trilhar novos caminhos.

Segundo MACHADO (2021) a vida acadêmica não precisa ser essa máquina trituradora de pressões múltiplas. Ela pode ser mais simples, porém, diz ela, isso só acontece quando abandonarmos o mito da genialidade, cortarmos as seitas acadêmicas e construirmos colaborativas.

Entender como acontece a socialização no ambiente universitário e as mediações nas relações docentes e discentes, reside em compreender como ocorre essa relação e como isso afeta ou não a vida fora do ambiente acadêmico e dentro da sociedade. Diante disso, a pesquisa tende a responder a seguinte pergunta: como as formas de agir e se relacionar (socialização) entre discentes e docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) contribuem para o que os sociólogos chamam de “socialização de maneira eficaz”?

O Objetivo geral é analisar como o processo de socialização entre docentes e discentes na UFRPE contribui para o que os sociólogos chamam de socialização eficaz. Para atingir nossos objetivos, iremos verificar o processo de socialização no ambiente da UFRPE entre docentes e discentes e investigar os aspectos necessários para que ocorra a “socialização eficaz” entre docentes e discentes na UFRPE..

A educação, segundo Durkheim (2002) é um processo de socialização da jovem geração pela geração adulta. A socialização se estabelece por meio das relações sociais e permeia os indivíduos durante toda a vida. Diante disso, pesquisar acerca da “socialização” no ambiente universitário e as mediações nas relações docentes e discentes, reside na necessidade de entender como ocorre esta relação e como isso afeta ou não a vida fora do ambiente acadêmico e dentro da sociedade. A presente pesquisa terá enfoque na relação estabelecida entre docentes e discentes dentro do curso de ciências sociais da UFRPE, no que concerne, segundo Durkheim (2002, 2015) quando ele trata da coerção social, enfatizando a pressão das sociedades sobre os indivíduos para que se adequem em função de compartilhar a vida coletiva.

Queremos descobrir como se desenvolve esse conceito nas formulações sociológicas contemporâneas, buscando contribuir para a compreensão dessa relação e socialização entre docentes e discentes, no olhar dos sociólogos que discutem sobre uma “socialização de maneira eficaz”.

A pesquisa em questão contribuirá diretamente com a sociedade acadêmica, tendo em vista que a socialização eficaz entre docentes e discentes facilita o processo de construção e produção do conhecimento. Contribuirá, também, indiretamente com a sociedade para além dos muros da Universidade, levando em consideração o aspecto de que o conhecimento e resultados envolvidos na academia através das pesquisas tem como campo de devolutiva a sociedade que lhe circunda, colaborando para a compreensão de seus próprios indivíduos. Esse estudo propiciará, também, concepção teórica para alimentar outras pesquisas, dentre tantas já realizadas dentro do específico tema, oferecendo assim suporte para novos conhecimentos.

A princípio será realizado um levantamento bibliográfico acerca da temática estudada, posteriormente, uma coleta de dados através de questionário online devido a atual situação que estamos vivenciando. O questionário será aplicado aos alunos do curso de Ciências Sociais, nos períodos do 5º ao 8º, numa abordagem qualitativa e quantitativa com amostragem aleatória contando com 19 pessoas. Como critério, a pesquisa será feita entre os sexos masculino e feminino, com idades entre 19 a 60 anos, matriculados do 5º ao 8º período, no curso de Ciências Sociais da UFRPE, sob o enfoque " A socialização no ambiente universitário: mediações nas relações docentes e discentes"

Os dados obtidos serão analisados tecendo reflexões a partir do cruzamento das análises realizadas a partir da aplicação dos questionários, que estarão embasados no referencial teórico.

1. SOCIALIZAÇÃO: UM CONCEITO HISTÓRICO E ATUAL DA SOCIOLOGIA

Um conceito presente desde a fundação da sociologia, a socialização é considerada como um processo pelo qual o indivíduo incorpora o coletivo, ou seja, através da socialização é que as ideias, valores, crenças, normas e costumes estabelecidos pela sociedade, pelo coletivo e pela apreensão são incorporados aos indivíduos, que se adaptam aos grupos que do qual fazem partes. Nas palavras da socióloga Júlia Figueredo Benzaquen (2006) “Socialização é um processo de construção e sedimentação das normas sociais” (p.80); e ainda: “A socialização pode ser definida como o amplo processo de introdução de um indivíduo no mundo objetivo e subjetivo de uma sociedade ou de um setor dela”; (idem, p. 82).

Cerca de um século meio após sua “fundação” enquanto conceito sociológico, é comum que as controvérsias, tensões, divergências em torno do conceito de socialização se expressem no debate sociológico, com alguns pesquisadores advogando a ultrapassagem, ou o desuso, do conceito. Como a sociologia não é uma ciência exata, as distintas interpretações dos fenômenos sociais, são vistas como elementos de criatividade e inovação teórica, e não como impedimento de avanços analíticos. A problemática levantada para a presente pesquisa, afirma a contemporaneidade do conceito, por considerar que o problema social em torno da formulação do conceito ainda é uma realidade fortemente presente nas relações sociais da atualidade. Sobre essa questão nos dedicaremos nesse capítulo da monografia.

1.1. Socialização na tradição sociológica:

O conceito de socialização surgiu para discutir de que maneira os indivíduos se transformam em seres sociais, ou seja, uma 'pessoa' dentro de um grupo. Toda sociedade precisa ensinar seus costumes, cultura, valores, hábitos, língua e pensamentos para aqueles que nascem dentro da mesma sociedade, grupo social e para os que nela chegam. (BODART, 2015).

O conceito de socialização cria forças a partir do grande sociólogo francês Emile Durkheim (2002), no século XIX, que desenvolveu esse conceito desde o momento

em que a sociologia se torna disciplina científica, tendo como o seu objeto de estudo a sociedade. Emile Durkheim construiu de maneira consistente o conceito de socialização. Para ele, a educação é um processo de socialização que se estabelece do jovem para o adulto por meio das relações sociais e que permeia por toda a vida.

A socialização possui um caráter coercitivo, ou seja, todo ser humano que nasce na sociedade é inserido no processo educativo para torna-se um indivíduo dentro de seu grupo e ninguém escapa do processo de socialização e da sociedade. Segundo o autor, você não escolhe ser ou não socializado, é independentemente das vontades dos indivíduos pois, aprendemos a comer, a andar, a gesticular e a falar.

A socialização é um processo educativo e, a partir desta relação é que o indivíduo torna-se um ser social. Essa discussão só mostra o caráter total da sociedade, portanto podemos afirmar que a socialização é um processo educativo seja formal e informal. Em suas Regras do método sociológico (Durkheim, 2002) reforça o poder da sociedade sobre os indivíduos, construindo relações que reforçam as regras, normas e diversos meios de correção social para manter o equilíbrio das relações sociais.

Para Émile Durkheim (2002, 2015), a socialização sempre se dá por meio da coerção, a sociedade exerce uma força sobre os indivíduos para que eles se adequem e pode mesmo puni-los de alguma forma quando não se comportam conforme o esperado. Ao associar socialização e educação, o sociólogo francês assim se pronuncia:

“A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que não estão ainda maduras para a vida social. Tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais, que requerem dela, tanto a sociedade política em seu conjunto, quanto o meio especial ao qual ela é mais particularmente destinada... Resulta da definição acima que a educação consiste em uma socialização metódica da jovem geração” (Durkheim, 2015: p. 14).

Segundo Amaral (2007) na coletânea, “A escola como espaço de socialização” diz que: “A socialização é o processo interativo fundamental para o desenvolvimento através do qual o indivíduo assimila a cultura do seu grupo social ao mesmo tempo em que perpetua esse grupo”. (Amaral :2007, p.02)

De acordo com Colls (Apud Amaral, 2007), a socialização ocorre através de três processos: 1. Os processos mentais de socialização - correspondem ao conhecimento dos valores, normas, costumes, instituições, aquisição da linguagem e dos conhecimentos transmitido pela as instituições; 2. Os processos afetivos de socialização- manifestam-se por meio da empatia, do apego e da amizade; 3. Os processos condutuais de socialização - envolvem a aquisição de condutas consideradas socialmente aceitáveis, evitando-se as não aceitas. (Colls, 2004, apud Amaral 2007,p.01).

Estes autores trouxeram diálogo relevante sobre a socialização, que é um processo do conhecimento social e inerente ao ser humano e, é através dessa dinâmica, que o indivíduo internaliza o coletivo, ou seja, é a partir da socialização que as ideias de culturas, valores, costumes, crenças, e normas são inseridas às pessoas, construindo a identidade coletiva e individual (personalidade, persona). E nesta perspectiva de Emile Durkheim, o indivíduo precisa da sociedade e a sociedade precisa do indivíduo. É entre essa relação que está o processo de socialização, a interação e a integração, que sempre estará presente em todas as fases da vida.

Sendo a socialização de suma importância e relevância para a sociedade e ocorrendo em espaços coletivos, as universidades na qualidade de instituições sociais dentro desse espaço, confronta-se com um dilema: de um lado, por ser parte de uma sociedade, tem a tarefa de formar indivíduos que zelem pela preservação dessa sociedade e, de outro, deve também cuidar do desenvolvimento da sociedade necessitando, portanto, formar cidadãos capazes de inovar, de inventar e de transformar.

O filósofo e crítico social Michel Foucault, que influenciou profundamente intelectuais contemporâneos de diversas formações acadêmicas, inclusive da sociologia em que ele debate as relações de poder nas instituições (1977, apud

Amaral, 2007), descreve os conceitos de sociedade disciplinares e sociedade de controle. A partir de outra perspectiva analítica, reforça, esse papel de força das sociedades sobre os indivíduos, que havia sido tratado por Emile Durkheim através do processo de socialização. Para Foucault, as relações que se estabelecem instituições como a família, a escola, a universidade, os quartéis e as prisões são marcados pela disciplina com o objetivo de produzir corpos dóceis eficazes e submissos politicamente e economicamente.

Foucault também aponta uma reflexão das nossas práticas enquanto mediador de conhecimento, porque não se pode negar que as instituições formais é deveria ser um importante espaço de troca de aprendizado, de obtenção de informação. O necessário é que as instituições sejam transformadas, e definir essa transformação é o grande desafio.

Mesmo na “antiguidade sociológica”, outros autores, propuseram mudanças na aceção do conceito, enfatizando a não passividade infantil. Desde o início do século XX, Simmel (1908, p. 284; Apud Grigorowitschs, 2008) para quem qualquer forma de interação entre seres humanos deve ser considerada uma forma de socialização. O criativo sociólogo alemão Georg Simmel, considera os indivíduos humanos, como um complexo de influências e conteúdos, forças e possibilidades sem forma; com base nas suas motivações e interações do seu “estar-no-mundo mutante” (Idem). Para ele, o mundo social é tido por um conjunto de relações, um todo relacional, relações em processo.

Desse modo, a socialização não seria reduzida a coerção das gerações antigas sobre as novas, mas como uma série de processos abertos em todas as idades, e também no que concerne aos seus resultados, por meio dos quais os indivíduos formam “tensões ativas” com o seu ambiente. Ou seja, socialização se dar através de um conjunto de interações entre seres humanos, das quais estes participam ativamente e assim tornam-se membros de determinada sociedade e cultura, internacionalizando suas regras, modos de agir e se relacionar, seus valores e atitudes, mas também influenciam tais valores e atitudes (Grigorowitschs, 2008).

1.2. Socialização como um conceito relacional: as tensões na sociologia contemporânea.

Radicalizando na crítica ao conceito de socialização, alguns pesquisadores enfatizaram a ênfase dado ao indivíduo de fato, pensado como um ser passivo cujas atitudes se resumem a reprodução de influências adquiridas, ou seja, uma visão determinista da socialização. Nesse campo analítico Maria Graça Jacintho Setton, (2011), retomando as contribuições de diversos sociólogos e antropólogos, formula a hipótese de que a cultura da modernidade imprime contribuição, enfatizando a socialização como interação, como relação, como nova prática socializadora distinta das demais verificadas historicamente. Nesse sentido, a autora citada enfatiza que, esta visão determinista, pode opor-se uma concepção mais flexível que toma em consideração a relativa autonomia do indivíduo, a capacidade deste para adaptar as disposições adquiridas às situações vividas, e mesmo para modificar quando necessário as normas e valores interiorizados. (Idem).

Muitos outros pesquisadores fizeram pesquisas sobre o conceito de socialização, tais como: Berger e Luckman (1927-2016), esses dois sociólogos dizem que processo da socialização constrói o mundo social, que a interação dos indivíduos define a sociedade. Berger e Luckman (2008), em sua obra *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* caracteriza as fases primárias e secundárias da socialização, indicando uma possível terceira fase, onde se revelam os questionamentos e conflitos, dos indivíduos contra as imposições da sociedade e também constrói alguns conceitos como: Externação (pensamentos, sentimentos, ideias que ganham formas); Objetificação ou Reificação (que é transformação dos pensamentos pela linguagem e comportamentos dentro de parâmetros sociais e sua institucionalização nas artes nas normas e nos hábitos); Internalização (com os parâmetros dos artefatos ou objetos socialmente aceitos, o indivíduo tem consciências e interpreta o mundo); Reflexivamente (externaliza seus pensamentos com base nesses parâmetros); Habitualização (ações repetidas se tornam um parâmetro que serão aceitos por outros que vierem depois); Institucionalização (o processo de implantar uma convenção ou norma na sociedade). Isso acontece quando os hábitos se tornam normais ou realidade; Realidade (uma qualidade inerente ao fenômeno a qual reconhecemos que essa

qualidade é associada ao fenômeno independentemente de nossa vontade; Conhecimento certeza que os fenômenos são reais e que possuem características específicas).

Ao lado da socialização societária, Benzaquen (2006) alerta para a socialização comunitária como formas contemporâneas de socialização:

“Também é possível fazer uma distinção entre o que se chama de socialização comunitária e socialização societária”. (...) Assim, a socialização comunitária é caracterizada pelo sentimento de pertença a uma coletividade. Por outro lado, a socialização societária está orientada para um fim, existem interesses por trás. A socialização comunitária seria mais orientada por elementos sentimentais e passionais, enquanto que a societária por motivos econômicos, de prestígio social ou de poder. “Esses dois tipos de socialização não são estanques, nem excludentes, na sociedade capitalista” ((Benzaquen , 83).

Deste modo, entende-se que os “agentes socializados” não são compreendidos como seres passivos, como peças manipuláveis, mas como sujeitos com capacidades de expressão, socialização entendida como processo construtivo de pertencimento e reciprocidades de símbolos, ou uma rede diversificada de princípios e valores que se insere na intimidade dos indivíduos, e do conjunto de suas relações. Deste modo, o relacional assume sua dimensão dialética, constatando-se que existem influências ou condicionamentos, mas evita-se um debate inócuo em torno do protagonismo dos indivíduos ou da sociedade.

1.3. Socialização no ambiente escolar e acadêmico:

Como o conceito de socialização sempre esteve muito colado à sociologia da educação, assimilado assim desde a fundação do conceito e da especialização desse ramo da sociologia, o papel da escola passa a ser fundamental para os estudos e como instrumento de socialização. Segundo Vera Lúcia do Amaral (2007), em referência às funções da escola,

“... propostas pedagógicas de todas as escolas (...) sua principal missão é a transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade, a fim de levar as pessoas a assumirem posições de destaque na sociedade. Assim, o lugar que o indivíduo ocupará na sociedade vai depender do seu grau de cultura, atestado por diplomas e certificados conferidos pela escola” (Amaral, 2007: p. 04).

Esse tipo de concepção é duramente criticado por diversos estudiosos da educação e da socialização. Consideramos um dos mais ferrenhos críticos o Ivan Illich, (1985), em seu “Sociedade sem escolas”, afirma:

A escolaridade não promove nem a aprendizagem e nem a justiça, porque os educadores insistem em embrulhar a instrução com diplomas. Misturam-se, na escola, aprendizagem e atribuição de funções sociais. Aprender significa adquirir nova habilidade ou compreensão, enquanto que a promoção depende da opinião formada de outros. A aprendizagem é, muitas vezes, resultado de instrução, ao passo que a escolha para uma função ou categoria no mercado de trabalho depende, sempre mais, do número de anos de frequência à escola. (Illich, 1985, p. 26).

E ainda:

A escola fornece instrução, mas não aprendizagem para essas funções. Isto não é nem razoável, nem libertador. Não é razoável porque não vincula as qualidades relevantes ou competências com as funções, mas apenas o processo pelo qual se supõe sejam tais qualidades adquiridas. Não é libertador ou educacional porque a escola reserva a instrução para aqueles cujos passos na aprendizagem se ajustam a medidas previamente aprovadas de controle social. (Idem, p. 26).

Portanto, para esse autor, para que a educação promova sua dimensão emancipadora, ela terá que ser desescolarizada. Particularmente sobre a relação professor aluno, Illich (1985) afirma: “O professor-distribuidor entrega o produto acabado ao aluno-consumidor cujas reações são cuidadosamente analisadas e tabuladas a fim de haver dados de pesquisa...”. (Idem, p. 54). Através do chamado “mito dos valores empacotados, “Ensina-se aos alunos-consumidores que adaptem seus desejos aos valores à venda”. “São levados a sentirem-se culpados caso não ajam de acordo com as previsões da pesquisa de consumo” (Idem.). O aluno é, desse modo, ‘escolarizado’ a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de grau com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é ‘escolarizada’ a aceitar serviço em vez de valor.

Retornando às contribuições de Amaral (2007), para a análise das relações de poder na escola, é imprescindível a contribuição do filósofo francês Michel Foucault, acima citado, através dos seus escritos em torno dos conceitos de sociedades disciplinares e sociedade de controle. Para ele, as relações que se estabelecem em instituições como a família, a escola, os quartéis e as prisões são

marcadas pela disciplina, com o objetivo de produzir corpos dóceis, eficazes e submissos política e economicamente. Segundo Amaral (2007):

“Para Foucault, a escola é o espaço no qual o poder disciplinar produz o saber. Na escola, ser observado, olhado, contado detalhadamente passa a ser um meio de controle, de dominação, um método para documentar individualidades. Ao dividir os alunos e os saberes em séries, a escola reforça as diferenças, recompensando os que se submetem ao sistema escolar e punindo com ‘reprovação’ os que não se submetem. O modelo pedagógico permite vigilância constante, tornando a escola um espaço de controle constante de sua população através da burocracia acadêmica, do orientador educacional, do professor e dos alunos. Observemos a disposição de uma sala de aula: um estrado mais elevado onde se situa o professor, cadeiras linearmente dispostas colocadas abaixo para os alunos. Fica evidente a relação saber/poder (Amaral: 2007, p. 08).

Trazendo esse debate para o espaço acadêmico universitário, que é o objeto do presente projeto de pesquisa, Rosana Pinheiro Machado, no seu artigo: Precisamente falar sobre a vaidade na vida acadêmica. Quais os valores que imperam na academia (MACHADO, 2021), aborda que é necessário menos enrolação, menos frases enormes se quisermos que o conhecimento seja um caminho para a autonomia. Ela frisa a liberdade, a simplicidade, a solidariedade, e a humildade dentro das instituições como forma de garantia de uma sociedade equilibrada com cidadãos capazes de trilhar novos caminhos.

Segundo Machado (2021) a vida acadêmica não precisa ser essa máquina trituradora de pressões múltiplas. Ela pode ser mais simples, porém, diz ela, isso só acontece quando abandonarmos o mito da genialidade, cortamos as seitas acadêmicas e construímos colaborativas. Entender como acontece a socialização no ambiente universitário e as mediações nas relações docentes e discentes, reside em compreender como ocorre essa relação e como isso afeta ou não a vida fora do ambiente acadêmico e dentro da universidade e da sociedade.

Diante da discussão, acerca da socialização do educador/ educando, pode-se dizer que determinadas atitudes podem fazer com que o discente sinta-se, repreendido, sem vontade, sem ânimo para continuar, porque ele não se enxerga como discente, mas como indivíduo que cumpre ordens e segue o que o seu mestre diz.

Contudo, o que acontece é que a maioria dos profissionais sai da Universidade sem a devida preparação profissional levando-os a deparar-se com acontecimentos conflituosos, imprevisíveis na sua vida profissional.

O educador, segundo Queiroz [s.d] ele não só é visto como mediador do conhecimento. Ele é visto, como modelo, por isso é importante que o mesmo mostre uma imagem verdadeira e comprometida com o aprendizado dos estudantes. O educador ele não só ensina assuntos curriculares, mas transmitem valores e condutas, às vezes ultrapassam o conteúdo das matérias, o educador não é profissional qualquer: suas ações influenciam sobre os educando, diante disso se faz necessário o educador rever suas atitudes e ações, no intuito de repensar se sua atitude pedagógica é afetiva e se está contribuindo positivo ou negativo na vida acadêmica e social desde indivíduo.

Segundo Morales (1998) *apud* Queiroz [s.d]), o ato de ensinar inclui muitos efeitos não desejados inicialmente pelo professor, mas que devido a certas atitudes passam a existir. Relevância do educador diante do educando gera reflexão no educando, em seus princípios, crenças, ações e principalmente em sua autoimagem. Por isso, deve surgir a reflexão de que se é possível realizar tal interferência cabendo ao docente, se autoavaliar diante de sua prática docente e humana.

Sollvo (2001, p.05) *apud* Queiroz [s.d]), apoia a concepção de que “acreditar na própria capacidade e decisivo não só para a aprendizagem do aluno, mas também para o desenvolvimento pessoal como um todo” O sentimento de baixa autoestima que pode vir a se encabeçar na personalidade do discente pode levar para a sua vida acadêmica e também para além dos muros da Universidade. Se faz necessário criar laços afetivos com os discentes é essencial ao processo de ensino e aprendizagem, visto que, é a partir da confiança construída entre educador/educando que terá resultado satisfatório.

Morales (1998, p56) *apud* Queiroz [s.d], postula que “(...) não se pode aprender seriamente num clima de insegurança, tensão, medo e desconfiança (...)”. Desta forma, é importante destacar que por mais que o educador seja a autoridade

máxima da sala, este não deve se impor no sentido de que só ele tem direito de expor seus pontos de vista, pois só tornaria a sala de aula um local desmotivador.

A relação professor e aluno nem sempre acontece harmonicamente e nem sempre é um relacionamento tranquilo, portanto, cabe ao professor fundamentar a ação de modo a diminuir as tensões ocasionadas deste relacionamento (Kosloki Nasal,2008,p16).*apud* Queiroz [s.d])

1.4. Socialização como superação dos sistemas de opressão.

Parte da genialidade do educador pernambucano Paulo Freire, é situar os processos de ensino e de aprendizagem na relação com os sistemas globais de opressão e do seu contraditório, as perspectiva e libertação. Freire (1987) reconhece o lugar da escola como reprodutora das relações de opressão. Suas elaborações em torno da “*educação bancária*”, no segundo capítulo do famoso livro “Pedagogia do Oprimido”, desvela, minuciosamente os processos de reprodução dos sistemas de opressão através da escola. Portanto, Paulo Freire concebe a Escola como uma expressão da sociedade, e localiza na contradição entre os opressores e oprimidos, como a contradição central que, tanto na sociedade, quanto na escola, precisa ser superada, para que a humanidade se reencontre com a sua vocação histórica, que é a humanização perdida pelos sistemas de opressão.

Freire (1987), também reconhece que, de tanto ouvir que são incapazes, que não sabem, que não conhecem, que não tem inteligência necessária para aprender, os oprimidos se sentem uma quase coisa possuída pelo opressor. E acaba hospedando o opressor dentro de si, reproduzindo suas vontades. Contudo, ele mesmo reconhece que essa dominação não é absoluta, e reconhece que, quem mais sofre as consequências da opressão, também tem as maiores possibilidades de se rebelar contra ela:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua

busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (Freire, 1987:31).

Paulo Freire (1987, 2010) sabe que essa não é uma descoberta natural e espontânea, que não chegará pelo acaso, portanto, ele afirma que é na práxis concreta que as perspectivas emancipatórias se revelam. A dialogicidade é a expressão dessa práxis. É no diálogo que os seres humanos se encontram e se reconhecem seres humanos. É no diálogo que conquistam o mundo e se libertam a si mesmos e uns aos outros. É através do diálogo que se realiza o que os sociólogos chamam de socialização, mas para Freire, o diálogo verdadeiro não é a transferência de conceitos de um sujeito a outro, nem a troca vazia de ideias, tampouco uma discussão para se saber quem tem razão ou para um indivíduo conquistar o outro. “É um ato de criação”.

Contra a “educação bancária”, Freire apresenta a perspectiva da “educação dialógica”, ou “educação libertadora”, ou ainda, “educação problematizadora”. Esse tipo de prática educativa se fundamenta em uma relação horizontal entre educadores e educandos, superando a contradição entre os dois. Nesse contexto, educadores e educandos, por meio do diálogo e em comunhão, descobrem-se como seres humanos inconclusos, inacabados, e conscientes dessa inconclusão, busca o permanente caminho do “ser mais”:

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. (FREIRE, 2010, p. 33)..

O autor pensou na educação como formação dos sujeitos, desde a concepção do conhecimento bem como da ética, acarreta também na constatação da finitude do ser humano, na sua subordinação e na sua inconclusão. Com base no

reconhecimento de que o ser humano está historicamente em construção, afere-se que ele é um projeto inconcluso, e seu inacabamento fortalece sua não aceitação com o determinismo histórico.

Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o suporte em que os outros animais continuam, em mundo. Seu mundo, mundo dos homens e das mulheres. A experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no suporte. (FREIRE, 2010, p. 50).

Recuperando a dimensão dialógica da educação, ou seja, o diálogo como condição indispensável para a educação libertadora, para a emancipação, do ponto de partida de que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”, (Freire, 1987, p. 43), podemos considerar essa máxima para repensar os processos de socialização que se realizam no ambiente escolar.

2. O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO.

2.1. A Universidade Federal Rural de Pernambuco:

No ano de 1913, a já centenária Olinda vivia a euforia da construção de um novo prédio ao lado do também centenário Mosteiro de São Bento. O mesmo deveria abrigar as Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento e seu Hospital Veterinário. Em 1914, deu-se início às aulas daqueles cursos. Estava criado o que viria a ser, 54 anos depois, a Universidade Federal Rural de Pernambuco.

No dia 1º de fevereiro de 1914, ocorreu a primeira aula magna da instituição, que passara a funcionar em um prédio anexo ao Mosteiro, sob a direção do abade alemão D. Pedro Roeser. (...) Tendo em vista as limitações de espaço para as aulas práticas do curso de Agronomia, os beneditinos adquiriram, em 1915, o Engenho São Bento, localizado no distrito de Tapera, em São Lourenço da Mata. Nessa propriedade, os monges construíram as novas instalações da Escola Superior de Agricultura, em março de 1917. O curso de Medicina Veterinária, porém, permaneceu em Olinda, compondo a

Escola Superior de Veterinária de São Bento até 1926, quando teve as suas atividades encerradas. (UFRPE, 2017)

Entre os anos de 1935 e 1937, intensa movimentação é realizada no sentido de estatização da Escola Superior de Agricultura. É importante lembrar que este é o período da afirmação do “Estado Novo”, como ficou conhecido à ditadura dirigida por Getúlio Vargas entre 1930 e 1945, com um projeto nacionalista e de controle da sociedade pelo Estado. Embora, não se possa afirmar que este processo tenha obedecido a ditames do governo central do país, é importante considerar o contexto de forte influência do nacionalismo e de valorização das iniciativas estatais na vida e na dinâmica da sociedade.

Apesar de o Estado subsidiar financeiramente, desde a década de 1920, a Escola mantida pelos beneditinos, ou seja, o Estado mantinha uma relação com a instituição.

A década de 1930 foi marcada pela estatização da Instituição, com a desapropriação da Escola Superior de Agricultura de São Bento, em 9 de dezembro de 1936, pela Lei nº 2.443 do Congresso Estadual e Ato nº 1.802 do Poder Executivo Estadual, passando a denominar-se Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP). Pouco mais de um ano depois, através do Decreto nº 82, de 12 de março de 1938, ela foi transferida para o Bairro de Dois Irmãos, no Recife, onde ocupou o prédio que originalmente seria destinado a um reformatório de menores (MIRANDA, 2008). O referido edifício, que fora projetado pelo arquiteto Luiz Nunes e até hoje abriga a Reitoria da UFRPE, tornou-se um dos ícones da arquitetura moderna dos anos 1930 em Pernambuco (MARTINS; LEITÃO, 2009).

Em 1936, a Escola Superior de Agricultura São Bento é desapropriada como bem de utilidade pública, passando a ser denominada de Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP), na mesma época foi aprovado um novo regime acadêmico e um novo regimento universitário.

Algumas pesquisas afirmam que a passagem dos beneditinos para o controle do Estado se deu de forma tranquila (SILVA, 2010), contudo, é necessário perceber os conflitos e as tensões provocadas, tanto a partir das iniciativas dos estudantes, quanto de outras forças sociais e políticas presentes na dinâmica política do Estado de Pernambuco naquele período.

Finalmente, em janeiro de 1937, quase um ano e meio após a assinatura do Decreto criando a nova Escola, o governo e os monges beneditinos registram as

“Bases para o acordo sobre a indenização do Engenho São Bento e da Escola Superior de Agricultura São Bento”, consolidando-a, definitivamente, na Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP).

A estatização impõe à nova escola, um novo regimento, um novo sistema acadêmico, ou seja, uma nova dinâmica de funcionamento, bastante distinta da orientação religiosa e da vivência cotidiana no meio rural, exigindo dos estudantes e de seu Centro Acadêmico, novas estratégias de ação.

Uma novidade significativa da participação estudantil na década de 1940 é a presença feminina, tanto nos cursos universitários, sobretudo de agronomia, quanto na dinâmica estudantil. Estudos realizados por Conceição Lopes (2007) revelam a presença de algumas mulheres no curso de agronomia, destaca ainda, a participação da estudante Maria Celene nos movimentos estudantis e, demonstrando incrível capacidade de vanguarda, ela participa do Diretório Acadêmico, escreve artigos na revista do próprio diretório e expõe suas ideias para o público mais amplo. Nesta passagem Conceição Lopes (2007, p. 75) fala um pouco sobre a capacidade de participação e integração de Maria Cilene nos movimentos estudantis da “Rural”: “[...] Dinâmica desde os tempos de estudante [...] De vanguarda, enquanto ainda cursava o 3º ano de Agronomia escreveu o artigo ‘A mulher e a profissão agrônômica’, [...] vencendo preconceitos da sociedade” (LOPES, 2007, p. 75).

Em 1947, o curso de Medicina Veterinária, extinto em Pernambuco desde 1926, é novamente criado através do Decreto Estadual nº 1.741, de 24 de julho daquele ano. Esse mesmo dispositivo legal também reuniu a ESAP, o Instituto de Pesquisas Agronômicas (IPA), o Instituto de Pesquisas Zootécnicas (IPZ) e o Instituto de Pesquisas Veterinárias (IPV), constituindo, assim, a Universidade Rural de Pernambuco (URP). (UFRPE, 2017).

A UFRPE foi federalizada por força da Lei nº 2.524, de 4 de julho de 1955, combinada com a Lei nº 2.290, de 13 de outubro de 1956, passando a integrar o Sistema Agrícola de Ensino Superior do Ministério da Agricultura.

Em 1955, através da Lei Federal nº 2.524, a Universidade foi então federalizada, passando a fazer parte do Sistema Federal de Ensino Agrícola Superior, vinculado ao Ministério da Agricultura. Após a federalização, a URP

elaborou o seu primeiro estatuto, em 1964, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1961.

Como todos os organismos universitários do país, com a instauração do Regime Militar em 1964, a UFRPE também passou por diversas mudanças:

Em 1967, os órgãos de ensino vinculados ao Ministério da Agricultura foram transferidos para o Ministério da Educação, através do Decreto Federal nº 60.731, de 19 de maio daquele ano. Como consequência desse ato normativo, a Universidade Rural de Pernambuco passou a denominar-se, oficialmente, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE, 2017).

Segundo MOTTA (2014), a reforma universitária de 1968 através das Leis nº 5.540/68, e decretos complementares, acarretou profundas modificações na universidade brasileira, os mais otimistas registram como a antiga cátedra foi abolida, e substituída pelo sistema colegiado de departamentos. Foi introduzido o ciclo básico, como forma de dar aos estudantes uma formação geral antes da especialização profissional, com o argumento que este compensaria as limitações do ensino secundário. Formalmente foi definida a indissolubilidade do ensino, pesquisa e extensão, e estabeleceu o ideal de que todo o ensino superior do país se organizasse em universidades, e não simplesmente em escolas isoladas.

Do ponto de vista das liberdades, da organização dos estudantes, dos professores e dos técnicos administrativos, imediatamente após a lei da Reforma Universitária, foi decretado o Ato Institucional número 05, decretado pelo presidente Costa e Silva o famoso e sanguinolento AI-5, fecha o Congresso Nacional, intervém nos Estados e municípios, suspende os direitos políticos, imprimindo a censura à imprensa, criando mecanismos para cassação dos mandatos de parlamentares democráticos ou progressistas, desde os federais até os estaduais e municipais, desencadeando uma forte perseguição aos movimentos sociais, destacando-se o sindical e o estudantil. Toda a dinâmica universitária é profundamente abalada.

Nesse contexto, a UFRPE promoveu alterações mais profundas em sua estrutura administrativa e acadêmica, através de dois novos estatutos, em 1969 e em 1975. Esses dispositivos, por exemplo, incorporaram o modelo de administração departamental e o regime de créditos (UFRPE, 2017):

Foram também criados novos cursos de graduação durante a década de 1970: Estudos Sociais, Zootecnia, Engenharia de Pesca, Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas, Economia

Doméstica, Ciências Agrícolas, Engenharia Florestal, Matemática e Química. Ainda na década de 1970, a UFRPE iniciou suas atividades de oferta de curso de pós-graduação stricto sensu, com a criação do Mestrado em Botânica, em 1973, por meio de um convênio firmado com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O curso funcionou até 1975 nessa universidade. Posteriormente, com o término da vigência do convênio, o curso funcionou no próprio Campus Dois Irmãos, e a primeira dissertação defendida na UFRPE foi apresentada em 21 de dezembro de 1976.

A década de 1980 se destacou pela reformulação do curso de Licenciatura em Ciências com suas habilitações. Surgiram, então, quatro novos cursos de Licenciatura Plena: Física, Química, Matemática e Ciências Biológicas.

Na passagem da década de 1980 para início dos anos de 1990, o antigo Curso de Estudos Sociais (criado para operacionalizar interesses acadêmicos do regime militar, como veremos a seguir), é desmembrado nos cursos de Licenciatura em História, Bacharelado em Economia, Bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais com concentração em Sociologia Rural.

Com essa trajetória, a UFRPE chega ao século XXI como uma das maiores universidades do Nordeste do país, com grande número de cursos na sua sede em Dois Irmão no Recife: Administração, Agronomia, Bacharelado em Ciência da Computação, Bacharelado em Ciências Biológicas. Bacharelado em Ciências do Consumo, Bacharelado em Ciências Econômicas, Bacharelado em Ciências Sociais, Bacharelado em Gastronomia, Bacharelado em Sistemas de Informação, Economia Doméstica, Engenharia Agrícola e Ambiental, Engenharia de Pesca, Engenharia Florestal, Licenciatura em Ciências Agrícolas, Licenciatura em Computação, Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Letras, Licenciatura em Química, Licenciatura em Física, Licenciatura em História, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Ciências Biológicas, Medicina Veterinária, Zootecnia.

Além dos cursos em três campos avançados, a Unidade Acadêmica de Garanhuns (que já não é mais um campus da UFRPE, pois está em processo de transformação em uma universidade independente, a UFAPE – Universidade do Agreste de Pernambuco), a Unidade Acadêmica de Serra Talhada, e a Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho.

2.2. As condições para criação do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

Após a lei da Reforma Universitária de 1968, em 1971 o regime militar instituiu também a lei nº 5.692/71 - Lei da Reforma de Ensino de 1º e 2º Graus -. Segundo Motta (2014), além da reestruturação do ensino, reestruturou-se os currículos das escolas de primeiro e segundo graus criando a disciplina de Educação Moral e Cívica e dando uma nova abordagem a disciplina de OSPB (Organização Social e Política do Brasil) com o objetivo de transmitir a ideologia calcada nos princípios da Segurança Nacional. Além disso, transformaram as disciplinas de História e Geografia em Estudos Sociais, levando ao esvaziamento dos conteúdos, fazendo-os regredir ao método mnemônico, fazendo o aluno decorar datas, nomes e fatos importantes da nossa história com vistas ao desenvolvimento do nacionalismo, elemento importante na formação do indivíduo para a efetiva manutenção do regime instituído.

Diversos pesquisadores apontam várias evidências de que o regime militar usou a força, a coerção, a repressão, a perseguição, torturas e mortes, para controlar a ação da oposição e, fortemente para controlar os estudantes e a juventude. Mas não era só isso, o regime também queria disputar corações e mentes desses jovens contra as influências libertárias da esquerda. Daí, Segundo MOTTA (2014), com as reformas no ensino universitário de no ensino de primeiro e segundo graus quanto no universitário, as reformas realizadas tinham também esse objetivo. Para além dessa reformulação da educação universitária, foi inserido nas universidades um olhar cívico e moral da ditadura e a disciplina de Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB) foi implantada como disciplina obrigatória em todos os cursos de graduação e pós-graduação.

A UFRPE experienciou um longo e lento processo de incorporação das ciências sociais no seu interior dado à tradição da forte identidade da UFRPE com as ciências agrárias, evidências demonstram que essa incorporação se deu mais por razões de pressão externa, do que por acúmulo de reflexões, ou qualquer tipo de valorização das ciências sociais no interior da universidade. E, pelo contexto da época, registra-se uma triste evidência da dimensão ideológica do regime militar, a partir da Reforma Universitária de 1968, com o terrível esforço de criar disciplinas

para inculcar nos estudantes a adesão ideológica ao regime militar. Justamente, a entrada oficial das ciências sociais na UFRPE coincide exatamente com o período mais violento, mais agressivo do regime militar.

Inicialmente as ciências sociais foi entendida na universidade no interior das ciências humanas. De acordo com Butto e Andrade (2020), a UFRPE também conta com

... uma história de três décadas das ciências sociais constituída a partir de um núcleo de profissionais da área que chegaram na instituição ainda nos anos 70. Sob a guarda do recém criado Instituto de Ciências Humanas que contava com uma área de antropologia e outra de sociologia dando início as ciências sociais na UFRPE nos anos 70 (Butto e Andrade, 2020: p. 5)

Contudo, segundo esses autores, as atividades iniciais dos docentes das ciências sociais se restringiam ao ensino dos Estudos Políticos Brasileiros, disciplina que existiu na instituição até 1980. “Uma ampliação da oferta de ensino se deu com a criação do Curso de licenciatura Moral e Cívica em 1972” (Idem, p. 06).

Note-se portanto, que há uma ampliação das Ciências Sociais no interior da UFRPE com a criação do Curso de Licenciatura em Moral e Cívica, conferindo com o citado anteriormente por Rodrigo Patto Sá Motta (2014), sobre a reforma do ensino médio pelos militares, e a criação da disciplinas de Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSPB), com objetivos ideológicos dos militares em disputar corações e mentes dos estudantes com as ideias da esquerda.

Ainda de acordo com Butto e Andrade (2020),

Poucos anos mais tarde, em 1979, quando da criação do Departamento de Letras e Ciências Humanas –DLCH –formam-se as três áreas de conhecimento: sociologia, que contava com 5 docentes, economia com dois e extensão, área que posteriormente migra para o departamento de educação. Ofertavam disciplinas nas seguintes áreas: História, Geografia, Religião, Moral e Cívica para variados cursos da UFRPE (Idem, p. 6)

Há referências ainda a uma possível transformação do Curso de Licenciatura em Moral e Cívica no Curso de Licenciatura em Estudos Sociais, o que também conferiria sentido aos estudos apresentados por Rodrigo Patto Sá Motta (2014), acima referido, quando do tratamento das disciplinas de história, geografia, sociologia após a reforma do ensino médio pelos militares. Contudo, para o caso da

UFRPE, essa é uma informação que ainda precisa ser aprofundada, já que não é o objetivo do presente estudo. Mas temos a informação prestado pelo professor aposentado da UFRPE, o professor Edval Marinho de Araújo , em entrevista concedida ao professor João Moraes de Sousa atual docente de sociologia da UFRPE:

“... fui convidado para as férias do professor Roberto Benjamim que era coordenador do curso já agora de estudos sociais do DLCH e professor de jornalismo na referente UNICAPE o meu tempo na Católica durou 1 ano ouve uma reestruturação no conteúdo do curso de Estudo Sociais e eu passei a lecionar folclore e artes Brasileiras o DLCH estava envolvendo em pesquisa de literatura oral música, folclóricas, danças e fogueiras (ARAÚJO, 2020: p. 186 – 187).

Portanto, a criação do Instituto de Ciências Humanas, e dos cursos de Licenciatura em Moral e Cívica, seguido pelo de Estudos Sociais criados na década de 1970 na UFRPE, e a criação do Departamento de Letras e Ciências Humanas (DLCH) em 1979, objetivaram, por um lado, formar profissionais para lecionar as recentes criadas disciplinas de Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil (OSPB), para lecionarem nos chamados primeiro e segundo graus, como exigências da reforma do ensino médio pelo regime militar, e por outro lado, lecionar as famosas disciplinas de Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB), que se tornaram disciplinas obrigatórias de todos os cursos universitários, no chamado “ciclo básico”, dos cursos universitários como exigência da reforma universitária de 1968, para adequar as universidades ao projeto do regime militar implantado em 1964. E essa é responsável é responsável pela criação do Curso de Ciências Sociais, com ênfase em sociologia rural em 1990.

2.3. O Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE:

Se por um lado pode-se afirmar que a trajetória anteriormente descrita possibilitou a criação do atual Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, diversos estudiosos creditam a influência para a criação de tal curso, também à forte mobilização da sociedade nos anos de 1980, especialmente dos movimentos

sociais, pela redemocratização do país. Especialmente as lutas por direitos e cidadania, que veio a constituir importantes organizações dos trabalhadores e das classes populares, dos moradores da periferia, dos trabalhadores do campo, das mulheres, das negras e negros, da juventude, sobretudo na segunda metade da década de 1980.

A professora de sociologia do Departamento de Ciências Sociais Giuseppa Maria Daniel Spenillo (2020), credita a essa efervescência das lutas sociais, especialmente em Pernambuco, as justificativas para tal criação:

A criação do Bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE em 1990 fez parte da resposta social, política e acadêmica a este cenário de lutas e de reconhecimento de atores sociais e seus direitos num país que não apenas reencontrava os caminhos da democracia, mas que começava a enxergar seus problemas sociais e a necessidade de reconhecê-los e enfrentá-los. Do ponto de vista da Ciência, para agir nessa nova sociedade é necessária uma ruptura epistemológica com a herança racional moderna – tarefa ainda em processo. (Spenillo, p. 118 – 119)

O Curso manteve importantes dinâmicas acadêmicas, mas num longo processo para seu reconhecimento pelo MEC. Segundo Spenillo (2020) mesmo tendo iniciado suas atividades em 1990, só veio a ter seu reconhecimento oficializado em 1999. Só no ano de 2004, o Curso vai sofrer mudanças mais profundas em sua identidade. Foi criado como Curso de Ciências Sociais, ainda na modalidade de bacharelado e licenciatura, mas registrando-se sua ênfase na sociologia rural. Justamente essa ênfase que vai sofrer mudanças em 2004, quando finalmente teve seu projeto pedagógico alterado: “Este novo Projeto Pedagógico suprimiu a ênfase em Sociologia Rural e propôs, em contrapartida, que o Curso tivesse duas áreas de concentração: 1. estudos rurais e 2. estudos urbanos”. (Idem, p. 123). Além dessa mudança, constata-se outras por exigências externas, provocadas pelo Ministério da Educação:

O segundo Projeto Pedagógico foi, então, vivenciado de 2005 a 2012. Neste período, outra grande alteração ocorreu no Curso de Ciências Sociais, desta vez por imposição do MEC para todos os Cursos universitários: foi abolida a complementação do Bacharelado, para os estudantes já formados, com disciplinas pedagógicas que lhes conferia a habilitação em Licenciatura. Uma perda para as Ciências Sociais e para a sociedade, que deixou de dispor de novos profissionais preparados para o ensino das Ciências Sociais – situação agravada pelo fato de que em praticamente todos os Estados brasileiros, e

em particular em Pernambuco, a Sociologia compõe o currículo do Ensino Médio (Idem, p. 123)

Nas comemorações dos 30 anos das Ciências Sociais na UFRPE foi registrado, entre 1995 as primeiras formaturas em bacharéis em ciências sociais e 2018 já foram graduados 905 bacharéis em Ciências Sociais. Constatando-se um novo marco das ciências sociais acontece, nesse mesmo período, com a expansão das ciências sociais em agosto de 2010 quando da criação do Departamento de Ciências Sociais(DECISO).Como novo departamento ocorre uma importante expansão, amplia-se o número de docentes, também há uma melhora considerável na infraestrutura para atividades de docência, pesquisa e alargam-se as condições para ações de extensão universitária. O Departamento de Ciências Sociais atende hoje a 14 departamentos acadêmicos da UFRPE. (Butto e Andrade, 2020: p. 7).

Na atualidade, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), o Curso de Bacharelado de Ciências Sociais, com sede em Recife, funciona nos turnos da tarde e noite. Esse novo Projeto Político Pedagógico, em execução até o início da pandemia (quando foram criados projetos específicos para esse período de distanciamento social), registra a importância de um Curso de Bacharelado em Ciências Sociais está no atendimento as demandas do mundo contemporâneo, dentre os quais se destaca:

- A presença do campo das ciências sociais como saber tradicional de excelência na constituição de uma universidade. A área está muito bem reconhecida por órgãos de fomento, tais como Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Fundação do Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) e outros órgãos de fomento à pesquisa no país;

- Quadro de profissionais de alta qualificação nas áreas das Ciências Sociais para atuação em Institutos de Pesquisas locais, regionais e nacionais; em órgãos governamentais ou não governamentais de assessorias e consultorias;

- A necessária e estratégica formação de uma inteligência crítica e criativa que dê suporte à compreensão da dinâmica do processo de transformação social, política e cultural mundial (fenômenos que se relacionam com problemas e temas,

como: meio ambiente, sustentabilidade, democracia, novos atores sociopolíticos e novos direitos, globalização dos processos comunicativos e jurídicos, etc.) e de suas peculiaridades fenomênicas nacionais, regionais e locais que constituem o papel e a vocação das Ciências Sociais.

- O fomento, na Universidade pública brasileira, a debates amplos e atuais que dizem respeito ao mundo em que vivemos, de modo a qualificar a vida em sociedade num mundo tão plural e desafiante. Debates tais como sustentabilidade, local/global, inclusão/exclusão, violências urbanas, redefinições de espaço/tempo social e político, políticas públicas, cidadania, novos atores sociais, novos direitos, lutas sociais, ruralidades e urbanidades, identidades.

- O exercício da reflexão sobre a prática e de uma prática reflexiva, esperados pela sociedade pernambucana como tarefa de Universidade Federal Rural, em especial na garantia da identidade autônoma desta Instituição e dos cidadãos aos quais prestam os seus serviços imediatos.

-Por fim a contribuição essencial dos profissionais das Ciências Sociais para a instrumentação de uma Cidadania Ativa, cada vez mais essencial para o futuro de uma nação frente aos processos de globalização, midiaticização e informatização da vida em sociedade.

O Bacharelado apresenta matriz curricular, carga horária e horário de funcionamento estruturados, de modo a que possamos oferecer oportunidade de formação universitária na área das Ciências Sociais. A modalidade Bacharelado, em acordo com as Diretrizes Curriculares do MEC, visa estritamente qualificar bacharéis em nível superior para atuação no campo das Ciências Sociais. Deste modo, pretende-se, com este Projeto, atender à demanda atual da sociedade brasileira por formação específica e qualificada de cientistas sociais para atuação nos três eixos de competência, a saber: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Este PPC propõe formar cientistas sociais aptos a trabalhar com as ciências humanas e sociais, de acordo com os parâmetros do Conselho Nacional de Educação (CNE/CP nº. 003/2007, de 08 de maio de 2007 e CNE/CP nº. 21/2007 de 06 de agosto de 2007). O Bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE proporcionará, portanto, formação de nível superior que habilite à obtenção de grau universitário de bacharel,

englobando as áreas básicas do curso - Antropologia, Ciência Política e Sociologia – e formação profissional para a pesquisa social.

Matriz Curricular do Curso de Ciências Sociais vigente da UFRPE turno da tarde:

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO						MATRIZ CURRICULAR	
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação						BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS	
Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n - Dois Irmãos - Recife/PE						Campus: Dois Irmãos - Sede - F.: 3320.6454	
CEP: 52.171-030 - F.: 3320.6041 - e-mail: pro-reitor@preg.ufrpe.br						Perfil: SOCO02 - Resolução: 171/2013	
						Sistema Semestral de Créditos	
1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º
Introdução à Antropologia 60h	Teorias Antropológicas Clássicas 60h	Teorias Antropológicas Contemporâneas 60h	Etnografia 60h	Antropologia das Comunidades Tradicionais 60h	Família e Parentesco 60h	OPTATIVA 2 (LIBRAS) 60h	OPTATIVA 5 60h
Introdução à Ciência Política 60h	Teorias Políticas Clássicas 60h	Teorias Políticas Contemporâneas 60h	Teorias do Estado 60h	Instituições Políticas Brasileiras 60h	Políticas Públicas 60h	OPTATIVA 3 60h	OPTATIVA 6 60h
Introdução à Sociologia 60h	Teorias Sociológicas Clássicas 60h	Teorias Sociológicas Contemporâneas 60h	Sociologia do Trabalho 60h	Sociologia Rural 60h	Sociologia da Comunicação 60h	OPTATIVA 4 60h	
Lógica e Argumentação 60h	Fundamentos de Filosofia 60h	Epistemologia das Ciências Sociais 60h	Desenvolvimento, Meio Ambiente e Sustentabilidade 60h	Métodos Qualitativos de Pesquisa Social 60h	Métodos Quantitativos de Pesquisa Social 60h		
Produção de Textos Acadêmicos 60h	Formação Econômica do Brasil 60h	Geografia Humana e Econômica 60h	Pensamento Social Brasileiro 60h	Ética 60h	OPTATIVA 1 60h	Trabalho de Conclusão de Curso I 90h	Trabalho de Conclusão de Curso II (Monografia) 90h
AAC	AAC	Estágio e AAC	Estágio e AAC	Estágio e AAC	Estágio e AAC	Estágio e AAC	

RESUMO CARGA HORÁRIA DO PERFIL			
Carga Horária Total		2 520 horas	
Conteúdos Obrigatórios Específicos do Curso	1440 horas	Conteúdos Optativos	360 horas
Conteúdos Complementares Obrigatórios	480 horas	Estágio e Atividades Complementares	240 horas
		Educação Física	30 horas
		Apenas para o curso diurno	

O ENADE é componente curricular obrigatório conforme §5º do art. 5º da Lei 10.361/2004.

Nessa longa trajetória registrada até aqui, tanto da UFRPE quanto do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais constatamos diversas formas de socialização nas relações entre discentes e docentes, provavelmente no período das escolas vinculadas ao Mosteiro de São Bento, com a forte hierarquia consagrada na vida religiosa e na cultura alemã, que muito influenciou os primeiros cursos, depois com a educação pública e estatal, as particularidades do período do regime militar, com as primeiras experiências das ciências humanas e sociais de forma orgânica no interior da universidade, ou seja, estamos tratando de distintos períodos que portanto, influenciaram diversas formas de socialização nas relações entre discentes e docentes. O nosso estudo sobre essa questão vai se dedicar à socialização entre docentes e discentes especialmente no curso de Bacharelado em Ciências Sociais na atualidade, conforme tratado no próximo capítulo.

3. A SOCIALIZAÇÃO ENTRE DOCENTES E DISCENTES DO CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRPE: A FALA DOS “SOCIALIZADOS”.

Nesse capítulo iremos analisar os processos de socialização entre docentes e discentes dentro do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) provindo de respostas de questionários enviados aos discentes a partir do quinto período do curso em diante através dos grupos do whatsapp das turmas. A opção por essas turmas se deu por conta de um maior tempo de permanência no curso tendo permitido aos discentes um maior tempo de convivência com a diversidade de professores que lecionam no curso. Para este fim, foram analisados 19 respostas de 19 alunos/as, dos quais 57,9% foram homens e 42,1% mulheres.

Em relação a idade dos participantes 31,6% estão entre 18 e 29 anos, 42,1% entre 30 e 40 anos e 28,3% estão com mais de 40 anos. Desses alunos mais de 52,6% são alunos “desbloqueados”, sem um período definido, 21,1% estão no 8º período e 26,3% no 7º período.

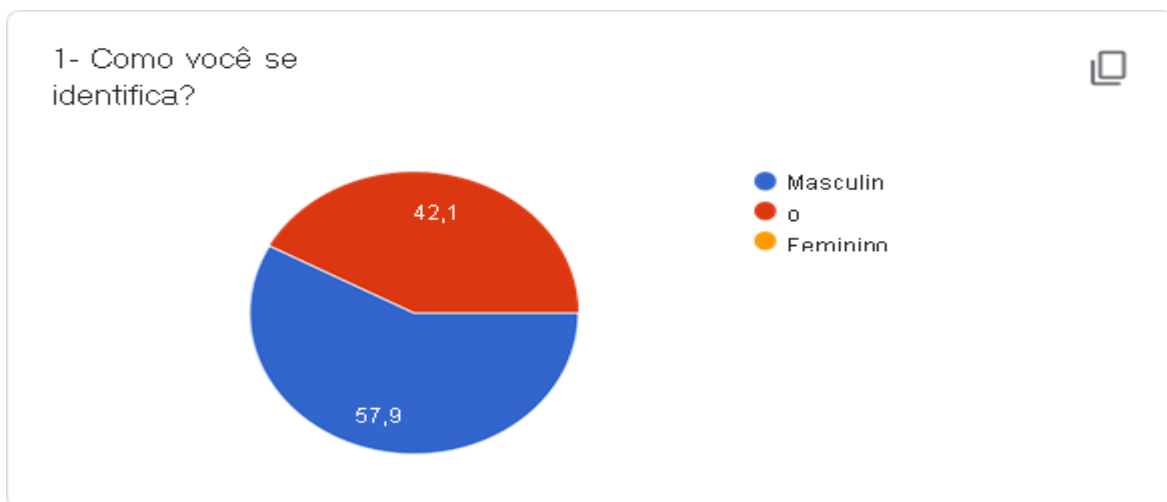


Gráfico 1

3.1. Satisfações, insatisfações, conflitos nas relações entre docentes e discentes no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE.

Perguntados sobre o grau de satisfação dos discentes em relação aos docentes do curso de bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE, com previsão de respostas indicadas como: Muito Satisfeito; Satisfeito; Pouco Satisfeito; Insatisfeito.

Como a pergunta se refere “aos docentes” indistintamente, as respostas precisam ser analisadas na relação com as questões seguintes. Mas ela oferece algumas tendências, uma vez que fica nula a possibilidade de insatisfeitos, mas no extremo contrário, os muito satisfeitos representam 26,3% dos respondentes, enquanto que 52,6% disseram que estavam satisfeitos, e 21,1% pouco satisfeitos, conforme o gráfico abaixo:

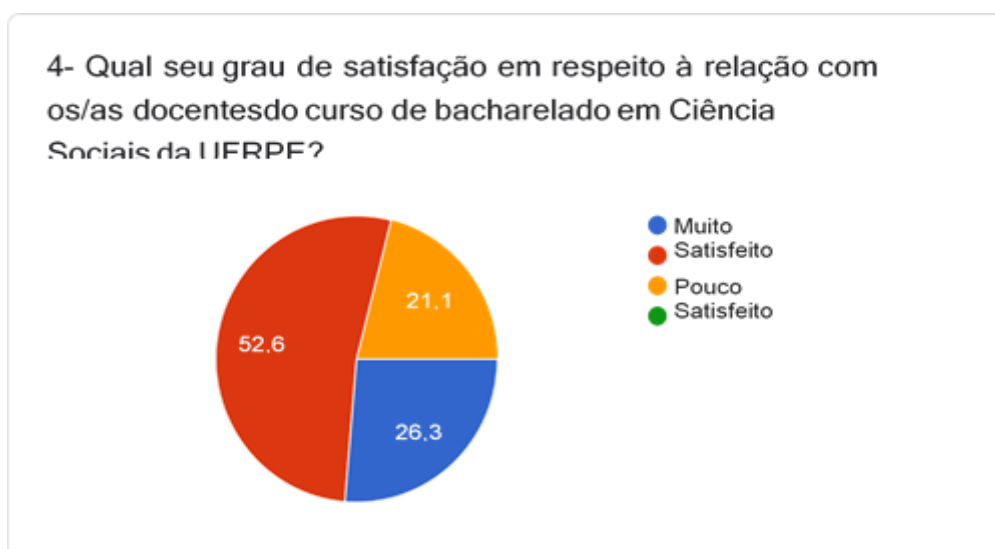


Gráfico 2

Perguntados sobre existência de conflitos entre discentes e docentes no curso: Você já teve algum atrito/confronto com algum docente do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE? Se sim, que impacto trouxe a sua vida pessoal e profissional? Sobre essa pergunta assim responderam os estudantes: das 19 respostas, 8 responderam sim, 6 responderam não e 5 se abstiveram em responder.

Entre os respondentes que afirmaram que sim, que já tiveram atritos ou confrontos com os docentes, indicam que o conflito parte do estilo da superioridade demonstrada pelo docente, sem a construção de um diálogo e que tem como base um ensino mecanicista, levando muitos desses alunos a atrasar o curso e a ser

portadores de crises de ansiedades. Os que quiseram se pronunciar a respeito, assim se expressaram:

- a) Acredito que ter atrito com docente estreita as oportunidades na área.
- b) Na minha vida pessoal o episódio mostrou que quem está numa posição superior pode mandar e desmandar de acordo com seus interesses. Isso me deixou frustrado (a) e me fez perceber eles agem em prol de um ensino mecanicista sem levar em consideração as necessidades reais do aluno. No profissional me fez perceber que não quero ser como ele.
- c) Passei alguns períodos atrasando a matrícula em determinada disciplina para não cruzar com (x) docente em específico, conseqüentemente atrasei meu curso.
- d) Por um pequeno aborrecimento equivocado, da parte dele, pois ele julgou que meu artigo era um plágio, eu provei que não era, e a partir de então o mesmo me constrangeu, não postando minha nota do 1º VA no Sig@ até última semana de aula do semestre!!!. Me senti numa pressão psicológica e não imaginava, por desinformação, que poderia recorrer com meio institucional. A partir de então nunca mais cursei disciplinas com esse professor.
- e) Fiquei desmotivada;
- f) Mais de uma vez. Um grande impacto foi ter me feito perder completamente o interesse na área em que o professor estava além de sentir o meu conhecimento muito defasado na disciplina. O impacto pessoal só o meu psicólogo pode falar com mais clareza.

Uma reflexão necessária a respeito de tensões entre docentes e discentes, pois não cremos que seja possíveis apenas relações “harmoniosas”, mas de refletir como enfrentar as diferenças, qual o diálogo necessário para que o respeito prevaleça. Chama a atenção, que tais práticas se repitam mais de meio século depois que o educador pernambucano Paulo Freire escreveu a Pedagogia do Oprimido, um dos maiores clássicos que desvendam como a educação reproduz os sistemas de opressão existentes na sociedade capitalista, e da necessidade de se constituir outro tipo de relação. Conforme tratado no primeiro capítulo, Paulo Freire

(1987) discute sobre opressão e a perspectiva de libertação na educação, reconhece o lugar da escola como reprodutora das relações de opressão, suas elaborações em torno da “educação bancária”, no segundo capítulo do seu livro Pedagogia do Oprimido.

Contra a “educação bancária”, Freire (1987) apresenta a perspectiva da “educação dialógica” ou “educação libertadora”, ou ainda “educação problematizadora”. Esse tipo de prática educativa se fundamenta em uma relação horizontal entre educadores e educandos, superando a contradição entre os dois. Pensando na relação, educando e educadores, por meio do diálogo e em comunhão, descobrem-se como indivíduo inclusos, inacabados e conscientes dessa inclusão, busca o permanente caminho do ser “mais”.

Sobre as respostas supracitadas pensamos sobre a lógica da práxis da dialogicidade ainda descrita por Paulo Freire (1987,2010), onde no diálogo entre os seres humanos é que nos encontramos e nos reconhecemos seres humanos. É na relação dialógica que a humanidade conquista o mundo, liberta a si mesmo, e ao mesmo tempo liberta uns aos outros. Desta maneira, através dos diálogos socializamos, Freire (1987, 2010) ainda acentua que o diálogo verdadeiro não é a mera transferência de conceitos de um sujeito a outro nem a troca vazia de ideias, tampouco uma discussão para se saber quem tem razão ou para um indivíduo conquistar o outro, “É um ato de criação.” (Freire, 1987,2020)

3.2. As alegrias e os entusiasmos de relações socializantes baseadas na cooperação e solidariedade:

Perguntados se no curso de Bacharelado em Ciências Sociais, o/a discente vivenciou ou presenciou relações socializantes entre discentes e docentes baseadas na cooperação e solidariedade?

Nesse caso, as duas possibilidades extremadas são descartadas (sempre ou nunca percebem relações de cooperação não são citados), destacando-se quase um empate entre aqueles que percebem tais relações ocorrem muitas vezes, ou que

as mesmas ocorram apenas algumas vezes. Mas, para uma reflexão mais aprofundada da presente questão, que consideramos fundamental para uma socialização agradável e construtiva no ambiente universitário, se faz necessário perceber as respostas dadas a outras cinco sub questões decorrentes desta, conforme explicitaremos à seguir, primeiro apresentaremos os números tabulados graficamente resultantes das perguntas, em seguida realizaremos algumas reflexões sobre tais números, e ao final da sessão, tentaremos construir um diálogo com alguns conceitos tratados no primeiro capítulo.

7.1. Aulas marcadas pelo diálogo horizontal entre docentes e discentes, com esforço para inclusão do conjunto dos discentes:

19 respostas

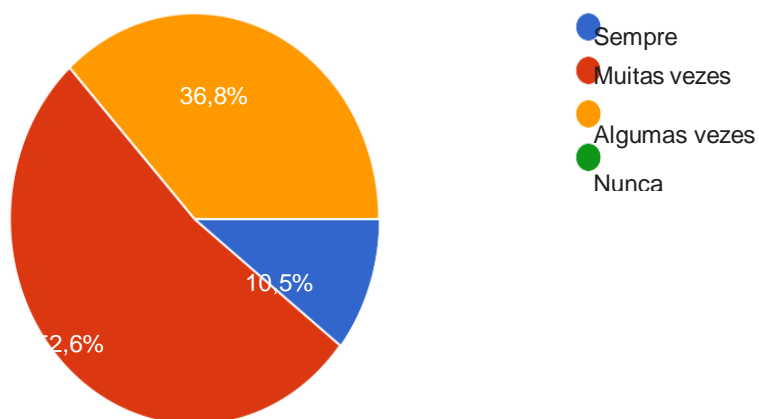


Gráfico 3

7.3. Participação de professores em atividades de interesse ou organizados estudantes fora da sala de aula:

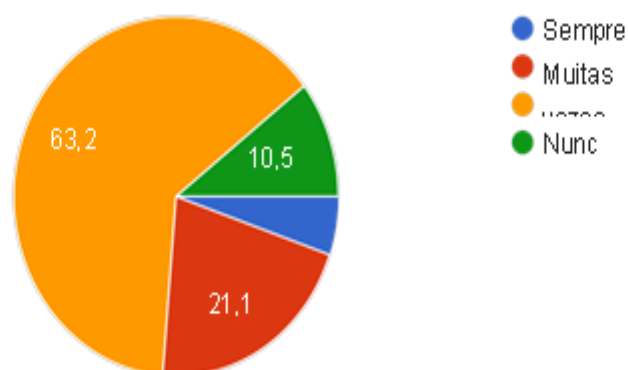


Gráfico 4

7.4. Escutas, diálogos com valorização das falas, argumentos e opiniões dos/das estudantes durante as aulas:

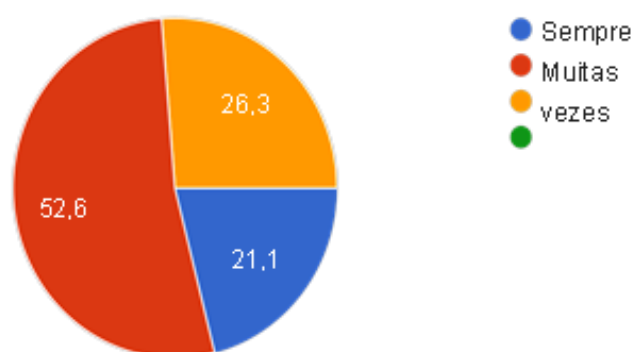


Gráfico 5

7.5. Valorização das experiências e vivências dos/das estudantes durantes aulas:

19 respostas

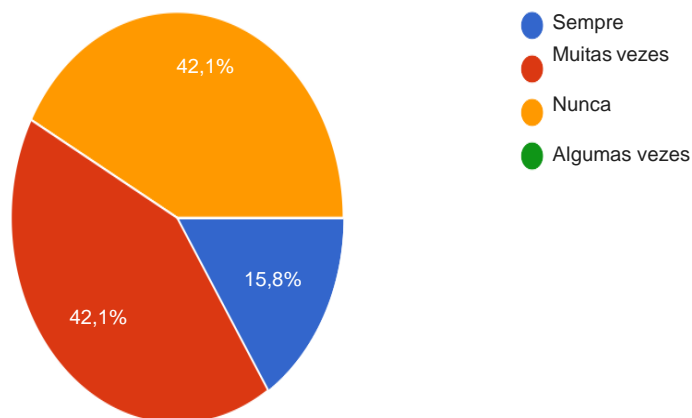


Gráfico 6

De acordo com os alunos questionados, embora haja um diálogo horizontal entre docentes e discentes, vistos por 52,6% dos alunos, a maioria também concorda que suas falas são valorizadas assim como suas experiências e vivências, totalizando 52,6% e 42,1% respectivamente. Apesar dessa interação, 63,2% dizem que o processo de socialização entre professor (docente) e aluno (discente) só acontece dentro da sala de aula, se estendendo algumas vezes para fora dela.

Dessa forma, os diálogos horizontais que fazem parte do convívio entre discentes e docentes do curso de Ciências Sociais da UFRPE, são percebidos entre 52,6% dos entrevistados que presenciaram muitas vezes, 36,8% algumas vezes e 10,5% sempre presenciaram esses diálogos.

Já os diálogos fora da sala de aula entre discentes e docentes é pontuado como constante, sendo 47,4% vistos muitas vezes, 26,3% algumas vezes e 26,3% sempre. No entanto, a visão geral de como o discente enxerga a relação dentro do curso de Ciências Sociais é tida como boa, chegando a 52,6% das respostas positivas, 26,6% veem essa relação como excelente e 21,1% como ruim.

As relações socializantes entre discentes e docentes foram percebidas muitas vezes 47,4% e algumas vezes 47,4% e sempre por 5,3%.

Em se tratando da participação de professores em atividades de interesse do aluno fora da sala de aula, 63,2% acham que algumas vezes eles se interessam, 21,1% responderam que muitas vezes há a participação dos professores e 10,5% dizem que nunca e 5,3% responderam que sempre há participação de professores fora da sala de aula.

Durante as aulas, diálogos entre docentes e discentes são bem vistos. Das respostas, 52,6% disseram que os diálogos acontecem muitas vezes, 26,3% algumas vezes, 21,1% sempre. O mesmo acontece em relação as experiências e vivências dos estudantes durante as aulas. Dos entrevistados, 42,1% se sentem valorizados, 42,1% se sentem valorizados algumas vezes e 15,8% se sentem sempre valorizados.

Recuperando o sentido sociológico do conceito de socialização, conforme tratado no primeiro capítulo, segundo a socióloga Benzaquem (2006, p. 80), a “Socialização é um processo de construção e sedimentação das normas sociais” e ainda “A socialização pode ser definida como o amplo processo de introdução de um individuo no mundo objetivo e subjetivo de uma sociedade ou até um setor.” (Idem, p.82). A essa definição, Benzaquem acrescenta algumas formas e relações, “Também é possível fazer uma distinção entre o que se chama de socialização comunitária e socialização societária”. (...) Assim, a socialização comunitária é caracterizada pelo sentimento de pertença a uma coletividade... (Idem). Nesse debate que a autora insere o sub conceito de socialização para cooperação, presente em seus estudos analíticos de “educação não formal”, e que é uma marca dos nossos tempos, perfeitamente também verificável no ambiente universitário, segundo os dados que estamos analisando no presente estudo.

Já para as respostas das questões (4º, 5º, 6º, 7º, 7.1, 7.2, 7.3 e 7.4), como o educador Paulo Freire (1987, 2010) coloca “recuperar a dimensão dialógica da educação, ou seja, o diálogo como condição indispensável para a educação libertadora para a emancipação do ponto de partida de que ninguém liberta

ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987, p.43), podemos considerar essa máxima para repensar os processos de socialização que se realizam no curso de Bacharel em Ciências Sociais da UFRPE.

3.3. As angústias e desmotivações provocadas por relações socializantes baseadas no controle e na dominação

Perguntados se no curso de Bacharelado em Ciências Sociais, os/as discentes vivenciaram ou presenciaram relações socializantes entre discentes e docentes baseadas no controle e na dominação, as respostas são reveladoras de que esse é realmente um forte gargalo do curso que precisa ser enfrentado. Para nossa reflexão, vamos considerar também as respostas apresentadas a cinco sub questões decorrentes dessa apresentada, conforme veremos a seguir.

8.1. Falta de reflexão com a turma sobre o plano de ensino, o conteúdo, a metodologia, a avaliação da disciplina:

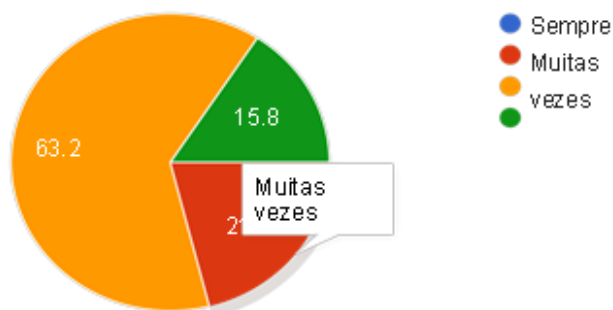


Gráfico 7

8.2. Desvalorização ou desprezo pelas opiniões ou fala dos/das estudantes:

19 respostas

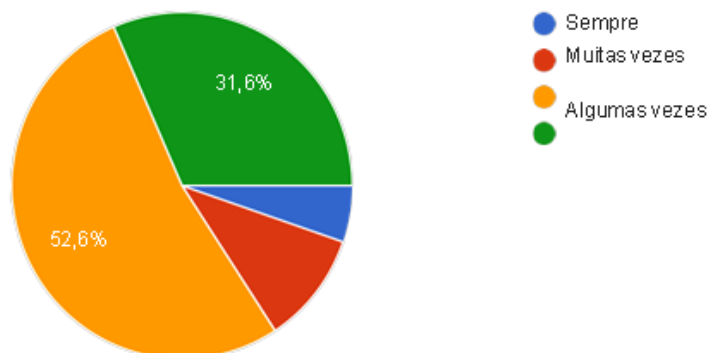


Gráfico 8

8.3. Interrupção da fala dos/das estudantes durante suas arguições ou argumentações:

19 respostas

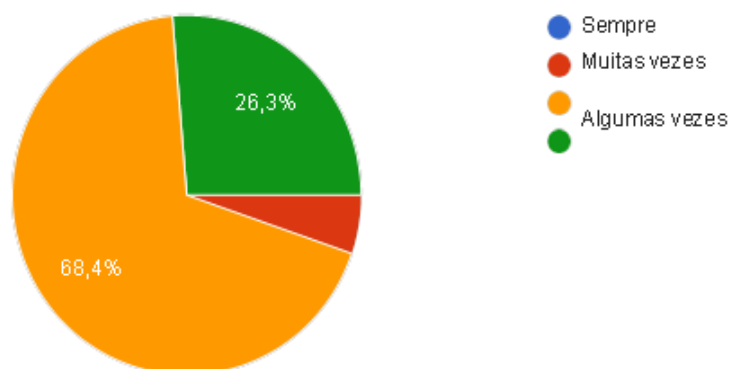


Gráfico 9



8.4. Punição com reprovação ou diminuição do valor da nota contra estudantes não subordinados ou questionadores:

10 respostas

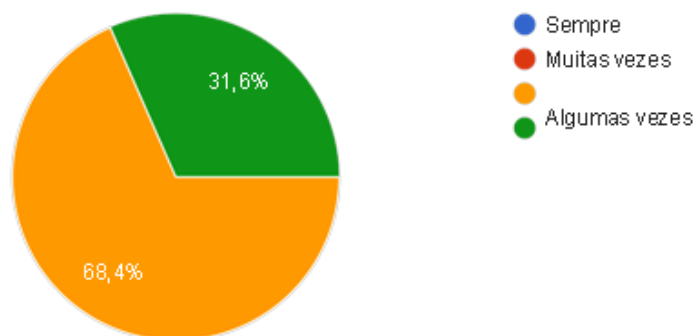


Gráfico 10

8.5 Modelo pedagógico das aulas que mantêm estudantes inseguros, medrosos e dependentes:

10 respostas

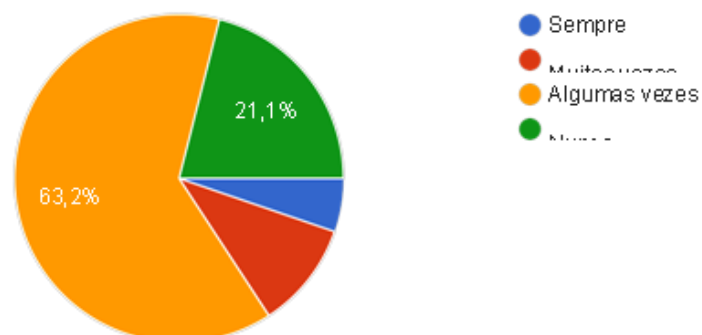


Gráfico 11

Sobre as relações socializantes baseadas no controle e na dominação 63,2% dos alunos questionados disseram que algumas vezes vivenciaram ou presenciaram situações em existiram dominação e controle, 21,1% nunca presenciaram, 10,5% sempre presenciaram e 5,2% presenciaram muitas vezes.

Sobre a falta de reflexão com a turma sobre o plano de ensino, o conteúdo, a metodologia, a avaliação da disciplina, 63,2% dos alunos questionados disseram

que algumas vezes há falta, 21,1% disseram que essa falta acontece muitas vezes e 15,8% disseram que nunca houve essa falta.

Os estudantes também responderam em relação a desvalorização e o desprezo pelas suas opiniões. Para 52,6% suas opiniões são desvalorizadas e desprezadas, 31,6% disseram que suas opiniões nunca foram desvalorizadas, 10,5% disseram que muitas vezes e apenas 5,3% disseram que sempre.

Sobre a interrupção das falas, 68,4% dos estudantes responderam que são interrompidos durante suas arguições, 26,3% disseram que nunca foram interrompidos e 5,3% disseram que muitas vezes foram interrompidos.

As punições ao aluno também acontecem, seja com reprovações ou com a diminuição do valor da nota são realidades constantes no universo dos discentes. 68,45 dos questionados disseram que algumas vezes já passaram por isso e 31,6% disseram que nunca passaram por isso.

O modelo pedagógico das aulas também foi questionado. 63,2% dos alunos responderam que algumas vezes se sentem inseguros, 21,1% disseram que nunca se sentiram inseguros diante do modelo, 10,5% se sentiram inseguros muitas vezes e 5,3% sempre se sentiram inseguros, medrosos e dependentes dos modelos pedagógicos adotados durante as aulas.

As respostas do (7.5, 8, 8.1,8.2, 8.3,8.4,8.5) também levaram a uma reflexão sobre as práticas dos docente, na importância e papel da universidade na vida social e profissional dos discentes. Diante das respostas das questões citadas anteriormente e pensando sobre a relação tecida entre os sujeitos que compõem este espaço social, político e de poder que é a Universidade, refletimos com base no filósofo e crítico Michel Foucault (1977 *apud* Amaral 2007) em que o teórico salienta que as relações que se estabelecem nas instituições como a família, a escola, a universidade, os quartéis e as prisões são marcados pela disciplina, com o objetivo de produzir corpos dóceis, eficazes e submissos politicamente e economicamente. Neste viés, Foucault (1977 *apud* Amaral 2007) também reflete a questão das nossas práticas enquanto mediador de conhecimento, porque não se pode negar que as instituições formais é -deveria ser- um importante espaço de troca de aprendizado,

de obtenção de informação. O necessário é que as instituições sejam transformadas, e definir essa transformação é um grande desafio.

Diante desta discussão acerca da socialização do educador e educando pode-se dizer que alguns atitudes podem refletir de forma prejudicial na vida acadêmica e algumas vezes na vida social, inclusive Machado (2021) frisa que a liberdade, a simplicidade, a solidariedade e a humildade são fundamentais dentro das Instituições Ensino Superior como forma de garantia de uma sociedade equilibrada com cidadãos capazes de trilhar novos caminhos. Machado (2021) diz também que a vida acadêmica não precisa ser essa máquina trituradora de pressões múltiplas. Ela pode ser mais simples, porém isso só acontece quando abandonamos o mito da genialidade, cortamos as seitas acadêmicas e construímos colaborativas.

Ora, as respostas são reveladoras de um ambiente universitário também marcado por uma socialização baseada na coerção, diversas respostas reforçam os argumentos apresentados, por exemplo, pelo filósofo Michel Foucault, ao associar as relações acadêmicas com relações de controle e dominação. Segundo Maria Vera do Amaral (2007): “Para Foucault, a escola é o espaço no qual o poder disciplinar produz o saber. Na escola, ser observado, olhado, contado detalhadamente passa a ser um meio de controle, de dominação, um método para documentar individualidades” (Foucault, apud Amaral 2007, p. 08). Continuando nesse nível da abordagem, na sua referência ao pensamento de Foucault, Amaral nos lembra que:

O modelo pedagógico permite vigilância constante, tornando a escola um espaço de controle constante de sua população através da burocracia acadêmica, do orientador educacional, do professor e dos alunos. Observemos a disposição de uma sala de aula: um estrado mais elevado onde se situa o professor, cadeiras linearmente dispostas colocadas abaixo para os alunos. Fica evidente a relação saber/poder (Amaral: 2007, p. 08).

Para Paulo Freire, a percepção desses traços de manipulação e controle não podem ser vistos como uma fatalidade, como uma realidade que não pode ser modificada. Conforme explicitado no primeiro capítulo, Paulo Freire (1987, 2010) sabe que a superação da manipulação não é uma descoberta natural e espontânea, que não chegará pelo acaso, portanto, ele afirma que é na práxis concreta que as

perspectivas emancipatórias se revelam. A dialogicidade é a expressão dessa práxis. É no diálogo que os seres humanos se encontram e se reconhecem seres humanos. É no diálogo que conquistam o mundo e se libertam a si mesmos e uns aos outros. É através do diálogo que se realiza o que os sociólogos chamam de socialização, mas para Freire, o diálogo verdadeiro não é a transferência de conceitos de um sujeito a outro, nem a troca vazia de ideias, tampouco uma discussão para se saber quem tem razão ou para um indivíduo conquistar o outro.

Contra a “educação bancária”, Freire apresenta a perspectiva da “educação dialógica”, ou “educação libertadora”, ou ainda, “educação problematizadora”. Esse tipo de prática educativa se fundamenta em uma relação horizontal entre educadores e educandos, superando a contradição entre os dois. Nesse contexto, educadores e educandos, por meio do diálogo e em comunhão, descobrem-se como seres humanos inconclusos, inacabados, e conscientes dessa inconclusão, busca o permanente caminho do “ser mais”: Segundo Freire (2010), “Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo”. (FREIRE, 2010, p. 33). Ou seja, será sempre possível enfrentar os esquemas de controle e manipulação, por relações dialógicas, portanto respeitadas e colaborativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso se mostrou de grande valia no sentido de levantar a reflexão sobre a socialização no ambiente universitário: mediações nas relações de docentes e discentes no curso de Bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE. Partindo de inquietações pessoais, oriundas de conversas com os colegas em sala de aula e fora dela, que se sentiam de alguma forma incomodados com as relações entre professor/aluno, docente/discente, enquanto aluna do curso de Bacharelado em Ciências sociais na UFRPE, procurou-se demonstrar através de referencial teórico e de coletas de dados de como concerne à socialização entre docentes e discentes no curso de Bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE.

Devido aos limites do curto espaço de tempo diante de uma situação pandêmica, do COVID-19 que acometeu todo o mundo, e que dificultou o acesso ao ambiente universitário e o contato com as pessoas, além do pouco material a respeito do tema, não foi possível aprofundar a pesquisa como desejávamos, limitando-se a uma introdução do assunto e deixando o espaço para outras pesquisas futuras.

Trabalhamos aqui com os processos constituídos do que seria uma socialização eficaz dentro do ambiente universitário de forma satisfatória para o discente, tendo em vista que ele é a parte mais frágil dessa relação, uma vez que seus conhecimentos acadêmicos e formação pessoal estão em fase de construção.

A análise dos dados, segundo a pesquisa, nos mostrou que o processo de socialização no ambiente acadêmico não é de todo “eficaz”, uma vez que para 20% dos alunos acreditam que o processo de socialização se mantém na base do controle e da dominação, tendo em vista que tanto a família quanto as escolas tem, segundo Foucault (1977 apud Amaral 2007) como objetivo criar corpos dóceis para seguir determinado padrão.

Percebeu-se, no entanto, que a pesquisa confirma a hipótese de que há “socialização eficaz” no que concernem as relações dentro do curso de Ciências Sociais na UFRPE, constituídas por mediações discursivas e colaborativas entre os diversos sujeitos empenhados na produção do conhecimento. Contudo, ainda

constata-se a presença de relações baseadas no controle, na dominação, inclusive com práticas de perseguição, segundo falas e experiências de diversos discentes, ao reproduzir esse tipo de práticas e de atitudes no interior do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE, cria-se um ambiente acadêmico marcado por traumas, inseguranças, desmotivações.

A euforia demonstrativa de alegrias e entusiasmos pela existência de relações socializantes baseadas na cooperação e na solidariedade entre docentes e discentes no Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, revela que, embora existam práticas de controle e manipulação, conforme tratamos acima, as atitudes baseadas na cooperação e solidariedade se sobrepõe àquelas.

Desse modo é preciso refletir a respeito do que está sendo construído em torno do processo de socialização, especificamente dentro do curso de Ciências Sociais da UFRPE, enquanto base para a preparação de corpos criados não apenas para seguir padrões mas capaz de desenvolver e construir outros caminhos, uma vez que a socialização é um processo bastante amplo e que envolve tanto a família quanto toda a sociedades e seus espaços sociais.

Diante do que foi apresentado, embora a socialização considerada eficaz aconteça, ainda é preciso que todos, docentes e discentes se concentrem em unir forças para melhorar o processo socializante dentro do ambiente universitário, especificamente dentro do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE, tendo em vista que o processo é a base para a construção de desenvolvimento e conhecimento de pessoas que compõem um grupo maior, uma sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação**. - Natal, RN: EDUFRRN, 2007. 208 p.: il.
- ARAÚJO, Edval Marinho. Entrevista concedida ao professor João Marais de Souza. In: **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE** / Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco.v. 2, n. 17 p. (p. 186 – 187) (jul./dez. 2020). -Recife: T. A. Alves da Silva, 2021.
- BENZAQUEN, Júlia Figueredo. A socialização para cooperação: uma análise de práticas de educação não formal. **Estudos de Sociologia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 12, n. 1, p. 79-97, 2006.
- BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Roniel Sampaio. Conceito sociológico: Socialização. Blog Café com Sociologia. 2015. Acesso em 15 de novembro de 2021.
- BUTTO, Andrea e ANDRADE, Fábio Bezerra de. 30 anos das Ciências Sociais na UFRPE. In: **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE** / Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco.v. 2, n. 17 p. 5 a 11. (jul./dez. 2020). -Recife: T. A. Alves da Silva, 2021.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Edições 70: São Paulo, 2015.
- DURKHEIM, Émile. **Lições de sociologia**. São Paulo: Martins, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GRIGOROWITSCHS, Tamara. O conceito de “socialização caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead”. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 29, n. 102, p. 33-54, jan./abr. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**: trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.
- LOPES, Conceição. Mulheres pioneiras, mulheres de renome: as engenheiras agrônomas pernambucanas da primeira metade do século XX (década de 40). **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma**. Recife, v.4, pp. 65-82, 2007. Disponível em: <<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/apca/article/view/82/77>> Acesso em: 15 de novembro de 2021.
- MACHADO, Rosana Pinheiro. Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-falar-sobre-a-vaidade-na-vida-academica>. Acesso em: 11 mai.2021.
- MARTINS, Conceição; LEITÃO, Maria R. A. (organizadores). **Prédio da reitoria da UFRPE: resgate histórico 1935 – 2011**. Recife: UFRPE, 2009.
- MARTINS, Conceição. O pioneirismo das engenheiras agrônomas pernambucanas nos 96 anos da UFRPE. In: **Jornal Folha de Pernambuco, Caderno Cidadania**. Recife, 31 de outubro, 2008.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- QUEIROZ, Francisco de Assis. **Relação professor/aluno: importância dos vínculos afetivos ao processo de ensino aprendizagem**. Disponível em

<<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/relacao-professor-aluno-importancia-dos-vinculos-afetivos-ao-processo-de-ensino-aprendizagem.htm>>.

Acesso em 23 de nov.2021

SCOTT, R.Parry. Pontos críticos e poder convergente no processo de orientação: fábulas, casos, palcos e bastidores. **Ilha Revista de Antropologia**. Florianópolis, SC, v.6, n.1, jan. 2004. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/16608>>. Acesso em 11 mai.2021.

SETTON, Maria Graça Jacintho. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Revista de Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 711-724, dez. 2011.

SETTON, Maria Graça Jacintho. **Sociologia da socialização: novos aportes teóricos**. São Paulo: FEUSP, 2018. 253 p.

SILVA, Denise S. **Tecendo memórias: linhas e entrelinhas da trajetória da universidade Federal Rural de Pernambuco (1912 – 1936)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2010.

SPENILLO, Giuseppa Maria Daniel. Da Sociologia Rural às Ciências Sociais : um percurso para o tempo presente e o conhecimento plural. In: **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE** / Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2, n. 17 (jul./dez. 2020). -Recife: T. A. Alves da Silva, 2021.

ANEXO A

Roteiro de Questionário aos Discentes

Socialização no Ambiente Universitário: Mediações nas Relações entre Docentes e Discentes

Estamos realizando uma pesquisa - Socialização no Ambiente Universitário: Mediações nas Relações entre Docentes e Discentes - (Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE), para nossa monografia de conclusão do curso. Acreditamos que esse estudo seja importante e necessário, não só para minha conclusão do curso, mas também para uma análise sociológica dessas relações na nossa universidade e nosso curso.

As informações pessoais aqui contidas ficarão em completo sigilo entre o/a respondente da entrevista e a responsável pela pesquisa. Portanto, fiquem completamente à vontade para responder as questões da forma mais fiel possível à realidade de tais relações. Ao final do questionário, solicitamos alguma forma de contato com o/a respondente para a possível realização da segunda fase da pesquisa.

1- Como você se identifica? *

Masculino

Feminino

Não Binário

Outro:

2- Qual a sua idade? *

Entre 18 e 29 anos

Entre 30 e 40 anos

Mais de 40 anos

3- Que período está cursando? *

4º Período

5º Período

6º Período

7º Período

8º Período

Desbloqueado (sem período definido)

4- Qual seu grau de satisfação em respeito à relação com os/as docentes do curso de bacharelado em Ciência Sociais da UFRPE? *

Muito Satisfeito

Satisfeito

Pouco Satisfeito

Insatisfeito

5- Você já teve algum atrito/confronto com algum docente do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE? Se sim, que impacto trouxe a sua vida pessoal e profissional? *

6- Como você ver a relação entre docentes e discentes dentro do Curso de Bacharelado em Ciência Sociais na UFRPE? *

Excelente

Boa

Ruim

Péssima

7- No curso de Bacharelado em Ciências Sociais, você vivenciou ou presenciou relações socializantes entre discentes e docentes baseadas na cooperação e solidariedade? *

Sempre

Muitas Vezes

Algumas Vezes

Nunca

Atitudes Socializantes de Cooperação e Solidariedade

Em caso de existência de tais atitudes socializantes de cooperação e solidariedade, dos docentes para com os discentes, marque aquelas que percebeu com mais força.

7.1. Aulas marcadas pelo diálogo horizontal entre docentes e discentes, com esforço para inclusão do conjunto dos discentes: *

Sempre

Muitas vezes

Algumas vezes

Nunca

7.2. Diálogos com estudantes fora da sala de aula. *

Sempre

Muitas vezes

Algumas vezes

Nunca

7.3. Participação de professores em atividades de interesse ou organização dos estudantes fora da sala de aula: *

Sempre

Muitas vezes

Algumas vezes

Nunca

7.4. Escutas, diálogos com valorização das falas, argumentos e opiniões dos/das estudantes durante as aulas: *

Sempre

Muitas vezes

Algumas vezes

Nunca

7.5. Valorização das experiências e vivências dos/das estudantes durante as aulas:

Sempre
Muitas vezes
Algumas vezes
Nunca

8 - No curso de Bacharelado em Ciências Sociais, você vivenciou ou presenciou relações socializantes entre discentes e docentes baseadas no controle e na dominação? *

Sempre
Muitas vezes
Algumas vezes
Nunca

Atitudes Socializantes de Controle e Dominação

Em caso de existência de tais atitudes socializantes de controle e dominação dos docentes para com os discentes, marque aquelas que percebeu com mais força:

8.1. Falta de reflexão com a turma sobre o plano de ensino, o conteúdo, a metodologia, a avaliação da disciplina: *

Sempre
Muitas vezes
Algumas vezes
Nunca

8.2. Desvalorização ou desprezo pelas opiniões ou fala dos/das estudantes: *

Sempre
Muitas vezes
Algumas vezes
Nunca

8.3. Interrupção da fala dos/das estudantes durante suas arguições ou argumentações: *

Sempre

Muitas vezes
Algumas vezes
Nunca

8.4. Punição com reprovação ou diminuição do valor da nota contra estudantes não subordinados ou questionadores: *

Sempre
Muitas vezes
Algumas vezes
Nunca

8.5. Modelo pedagógico das aulas que mantêm estudantes inseguros, medrosos e dependentes: *

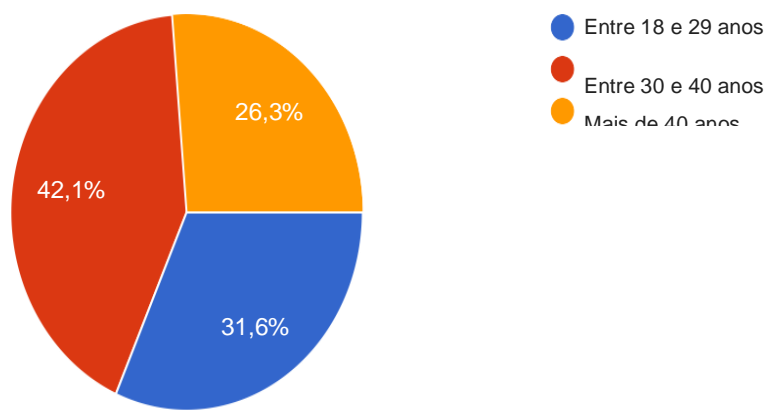
Sempre
Muitas vezes
Algumas vezes
Nunca

ANEXO B

Gráficos

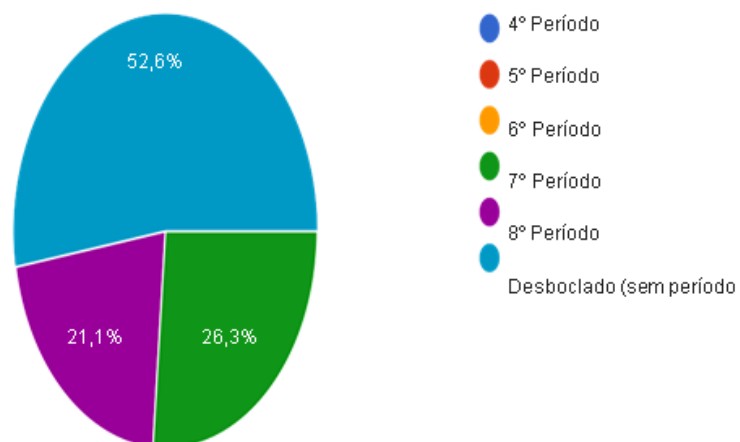
2- Qual a sua idade?

19 respostas



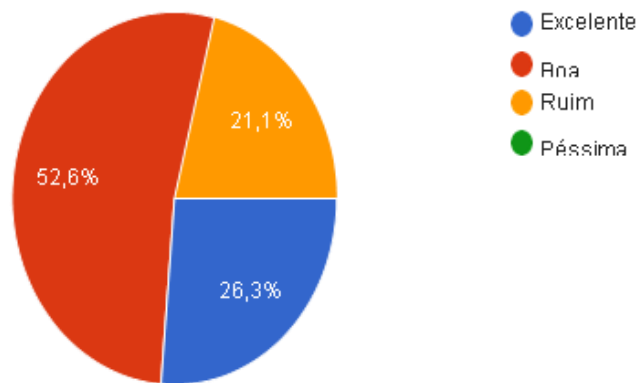
3- Que período está cursando?

19 respostas



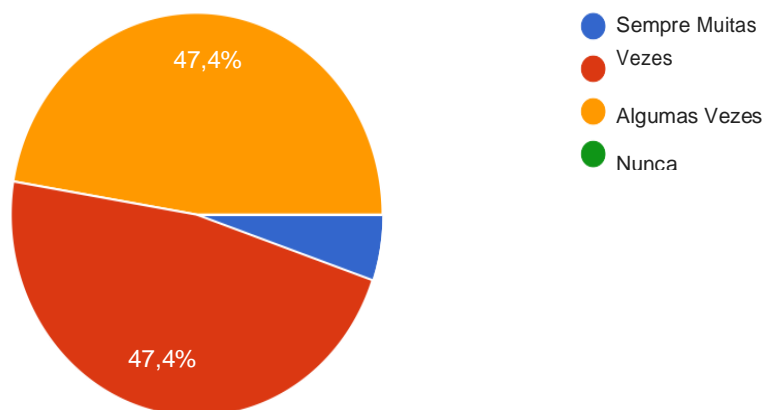
6- Como você ver a relação entre docentes e discentes dentro do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais na UFRPE?

19 respostas



7- No curso de Bacharelado em Ciências Sociais, você vivenciou ou presenciou relações socializantes entre discentes e docentes baseadas na cooperação e solidariedade?

19 respostas



8. No curso de Bacharelado em Ciências Sociais, você vivenciou ou presenciou relações socializantes entre discentes e docentes baseadas no controle e na dominação?

